

UM RECIFE FRAGMENTADO - Análise do material arqueológico resgatado no Recife Antigo.

Juliana de Holanda Alves Rocha*

Depto. de História, Laboratório de Arqueologia, CFCH, UFPE, 50740-520, Recife-PE, (081) 2718291. E-mail do autor: julieholanda@yahoo.com

O bairro do Recife que conhecemos hoje é uma ilha, tem uma largura de aproximadamente um quilometro, é banhada pelo Oceano Atlântico e pela Bacia de Santo Amaro (Rios Capibaribe/Beberibe). Atualmente, é parte do complexo turístico e de entretenimento da cidade, abrigando uma ampla rede de estabelecimentos bem como palco de eventos culturais dos mais diversos que ocorrem ao longo de todo o ano. Mas abriga ainda sua principal característica, a que deu origem à cidade do Recife: o porto. Apesar das várias reformas que sofreu ao longo dos séculos, o porto do Recife permanece como mais um elo de ligação entre o atual bairro de cores, diversão, comércio e órgãos administrativos e o Recife que outrora foi uma pequena vila de pescadores que se ligava à cidade apenas através de barcos, ou o Recife que ganhou novas faces, seja com a chegada da Companhia das Índias Ocidentais, seja com a reocupação luso etc...

Apesar das diversas mudanças ocorridas ao longo do tempo, o bairro ainda guarda muitos elementos de sua movimentada história. Uma história de diversos fatos e ações, com um amplo quadro de atores sociais e de relações que se sucederam entre estes, o tempo e o espaço. Um espaço cuja história de seu crescimento fundamentam esta breve análise do material arqueológico resgatado no local.

No século XVII, antes mesmo da chegada dos holandeses em Pernambuco, o bairro do Recife se configurava bastante diferente do que conhecemos hoje. Na verdade, era apenas uma estreita faixa de terra – um istmo – com aproximadamente oitenta metros de largura, uma lingüeta que chegava até Olinda. “(...) *De Olinda estende-se para o sul, entre o rio Beberibe e o oceano, um istmo, de cerca de uma légua, assaz estreito e arenoso, semelhante a uma costela ou linguazinha.* (...)”(1). No início do século XX, contudo, uma abertura na lingüeta viria a transformá-la numa ilha. Voltando aos primórdios do período colonial, no istmo, o núcleo de povoamento era pequeno, constituindo-se apenas de uma diminuta vila de pescadores com algumas casas ao longo da faixa de terra. Tendo adquirido tal importância no contexto econômico da colônia, logo as terras se tornaram insuficientes para atender aos comerciantes locais. Assim, a necessidade de ocupação

da superfície acarretou em sucessivos aterros, gerando o espaço necessário para a realização das atividades humanas ao longo dos séculos. Dessa maneira, o crescimento urbano do bairro do Recife está alicerçado nessa sucessão de aterros, que ampliaram a área firme e permitiram um alargamento do terreno.

Vale ressaltar que os aterros permitiram a preservação de parte das antigas estruturas existentes no local – a malha urbana dos tempos antigos. Atualmente, a infra-estrutura da cidade requer uma ampla rede de esgoto, drenagem, dentre outros elementos, que provocam danos a essa documentação material que restou no subsolo. As obras de manutenção desta infra-estrutura danificam ainda mais quando o revolvimento dos antigos aterros provoca a destruição da sequência de camadas, impossibilitando sua leitura cronológica (em alguns casos). A abertura de novas valas acarreta, muitas vezes, no encontro de alicerces de edifícios antigos que são destruídos em virtude de estarem nos “caminhos” dessa nova infra-estrutura. Porém, essas ações são necessárias à vida atual da sociedade, apesar de representarem a destruição de parte do patrimônio arqueológico da cidade. Para que essa história não se perca, é preciso, então, que se faça do material encontrado no subsolo, objeto de pesquisa científica através da pesquisa arqueológica. Para tanto, a Constituição Federal prevê a necessidade de preservação desse patrimônio, como está definido no **art 216, caput, V**. E ainda, em virtude de sua forte tradição histórica, o bairro do Recife é uma **Área de Proteção Nacional, inscrito no Livro de Tombo Histórico do IPHAN (processo 1.168-T-85, notificação publicada em 13/03/1998)**, sendo, portanto, dever do poder público a proteção desse patrimônio cultural. Além disso, a **Recomendação de 20 de setembro de 2000 da Procuradoria da República em Pernambuco, do Ministério Público Federal**, dita que qualquer obra a ser realizada no bairro que importe escavação deve ter acompanhamento técnico, no caso acompanhamento arqueológico.

Durante os últimos quatro anos, foram desenvolvidos no bairro vários trabalhos de pesquisa arqueológica realizados pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Albuquerque, tendo este, atuado com sua equipe em vários pontos do local. A associação dos estudos comparativos de documentos iconográficos e textuais produzidos ao longo dos séculos com o conteúdo do sítio – resultantes da aplicação de uma eficiente metodologia arqueológica – tem revelado diversos momentos da ocupação do bairro.

O Laboratório de Arqueologia tem desenvolvido técnicas e métodos para a extração das informações intrínsecas aos fragmentos encontrados nas escavações como componentes dos aterros. O estudo destes fragmentos, parte do *conteúdo do sítio*, além de informações cronológicas, permite uma leitura de conotação social, identificada, sobretudo, na imensa quantidade de tralha doméstica resgatada – embora em diversos sítios a estratigrafia esteja conturbada, e, nos casos de

“salvamento” (dado a seu caráter emergencial, ou de limitada atuação), provoque a mistura de diversas camadas e contribua para o revolvimento de peças. A identificação de diversas marcas, relacionada aos seus diferentes momentos históricos, contribui para o entendimento do cotidiano da sociedade. Ainda assim, o conhecimento da louça – por exemplo – relacionado à esta leitura estratigráfica e ao estudo comparativo de informações iconográficas e textuais, como dito anteriormente, permite ver o reflexo do cotidiano da sociedade que ali se estabeleceu ao longo dos tempos.

A louça é um tipo de material encontrado com muita frequência em escavações arqueológicas, apresentando uma diversidade de tipos e, quase sempre, uma grande quantidade. Na praça Tiradentes, por exemplo, do total de 26.721 (vinte e seis mil setecentas e vinte e uma) peças encontradas com o peneiramento de 81m³ de aterro, 24.924 (vinte e quatro mil novecentas e vinte e quatro) foram de louça, ou seja, 93,27% do total. A incidência deste material é representada por vários tipos de louça: faiança fina ou pó de pedra, faiança grossa ou majólica, cerâmica vitrificada, cerâmica não-vitrificada, porcelana e grès-cerâmico. Essa proporção, no entanto, não é regra geral. Alguns sítios, até por serem ruas mais antigas que o local onde está situada a Praça (2), apresentam números diferentes.

A faiança grossa foi produzida no período compreendido entre o século XVI e XVIII e a faiança fina nos séculos XVIII e XIX, sendo ambas oriunda da Europa. Além destes tipos, são recorrentes louças mais recentes (algumas de fabricação brasileira) e ainda a porcelana, cuja produção remonta à China do século XI e permanece sendo produzida até nossos dias. Quanto à faiança fina, o início de sua fabricação se deu no século XVIII, tendo a produção se aperfeiçoado em meados do mesmo século bem como a disseminação das peças. O fabrico deste tipo de louça, em sua maioria, é atribuído à Inglaterra, através de atributos como algumas marcas visíveis (Davenport; Copeland & Garrett; Minton; Miken; etc) (3) bem como de técnicas de decoração específicas como é o caso do Transfer e motivos muito comuns em determinados períodos como o *flow blue* (azul borrão) e o *blue willow* (salgueiro azul). Muitas dessas olarias permanecem funcionando até hoje e contam com coleções de referências e informações que podem auxiliar na identificação e datação de parte do material. Por associação e comparação, muitos fragmentos são identificados, tornando possível um melhor estudo acerca de várias características da sociedade que o utilizou.

Uma das características que se pode obter, através da análise de um fragmento de louça, é a delimitação do tempo em o que o mesmo foi utilizado através de informações acerca do período em que foi fabricado (algumas vezes datado com precisão). Outra informação interessante é através de sua decoração ou uma marca específica identificada no fragmento, que pode permitir uma relação com o aspecto econômico. Um motivo de decoração como o *flow blue*, por exemplo, era utilizado

por grandes ceramistas, cuja produção tinham um alto valor comercial. A incidência deste tipo de decoração pode remeter, então, a uma interpretação – dentre outras – relativa ao poder aquisitivo da sociedade que viveu no Recife no período em que essa louça esteve presente na colônia.

Foram encontrados materiais relativos ao cuidado com a higiene e do trato pessoal – característica do século XIX – representado na Praça Tiradentes, por exemplo, pelas escovas de dente, adorno para cabelo, pentes etc. Um material que é recorrente, é o lúdico, encontrado em diversas escavações e comum nas áreas de assentamento militar. Um bom exemplo pode-se encontrar no Forte do Brum, onde fragmentos cerâmicos diversos e de diferente material (faiança grossa ou fina) foram arredondados manualmente e mudaram sua função, sendo improvisados, transformando-se em peças de jogos de tabuleiro.

Ainda em assentamentos militares são encontrados diversos materiais próprios das atividades bélicas, como projeteis, por exemplo. Um tipo que vem se tornando freqüente é a chamada bala encadeada, que foi proibida por lei no período colonial. Seu achado indica o descumprimento da lei. A bala encadeada era constituída por dois projeteis esféricos de chumbo ligados por um fio de cobre. O dano físico provocado por este tipo de projétil era bem maior do que os projeteis simples.

Neste mesmo ambiente foram encontrados materiais de uso doméstico, por vezes de “primeira classe”, possivelmente ligado aos oficiais. Outro tipo de material encontrado e geralmente em grande quantidade, são cachimbos brancos ou vermelhos, que denotam um hábito crescente na época colonial: o de fumar. Mais ainda, remetem a situações de estresse ou relaxamento, entre momentos de conflito ou guerra. Em outros materiais, como botões metálicos, pôde-se identificar através do significado de imagens (sobretudo símbolos) contidas naqueles, a presença de diferentes funções militares como a artilharia. Todos estes materiais permitem entender, em parte, o quadro do cotidiano. No caso da pesquisa no Forte do Brum, sob o aspecto do cotidiano militar ao longo de sua ocupação.

O material arqueológico resgatado nas pesquisas realizadas no bairro consiste numa diversidade de grande ordem. Dentre outras categorias ainda não citadas, pode-se salientar a grande quantidade de fragmentos de vidros, materiais de construção, materiais metálicos, etc.

No universo dos fragmentos de vidro coletados, encontram-se pedaços de garrafas (bases, gargalos, etc) cujas características podem denotar o período de fabricação, como marcas de molde, presença ou ausência de pontil na base, marcas de fabricantes ou de produtos, dentre outros.

O conjunto de material metálico encontrado abrange um grande leque de tipos diferentes de utensílios, de uso pessoal, industrial, etc. Chaves, ferraduras, puxadores, elementos constituintes de armas, projeteis, adornos de móveis, pregos, parafusos, ferramentas das mais diversas, peças de embarcações, ancoras, peças de veículos de transporte (como bondes e trem, além de outros), são alguns exemplos da grande variedade desse material.

Um outro tipo de material comum nas escavações é o material de construção. É a grande a quantidade e variedade de tijolos e telhas, sobretudo no período relacionado à grande reforma ocorrida no bairro no início do século XX. Merece destaque também, relacionados ao período de ocupação neerlandesa, a quantidade de tijolos frísios que aqui chegavam como lastro de navio e eram utilizados em construções, sobretudo em pisos.

Dos trabalhos realizados pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, podemos ressaltar a pesquisa arqueológica no Forte do Brum, a escavação do local onde funcionou a Sinagoga Kahal Zur Israel no século XVII, o acompanhamento das obras de manutenção da rede de drenagem do entorno do Marco Zero, o acompanhamento do Projeto Luz e Tecnologia no Recife Antigo, o acompanhamento das obras de manutenção da rede de drenagem da Praça Tiradentes, o acompanhamento da revitalização da Rua Cais da Alfândega e a escavação no entorno onde estaria localizado o Arco da Conceição – uma das portas do Recife. Todos estes sítios, embora abordados isoladamente, revelaram informações que transcendem o sítio em si mesmo. Ao serem vistos em conjunto, embora de tempos e espaços diferentes, permitem uma melhor compreensão da História da cidade. Ao longo dos últimos quatro anos de escavações no bairro, foram resgatados mais de duzentos mil fragmentos de diversos materiais, alguns ainda não submetidos a análises. Todos eles carregam consigo uma historicidade e suas características podem auxiliar no entendimento da história do local. Os fragmentos representam pequenas letras, que juntas vão formando palavras... Páginas de um livro que ainda está por ser escrito. Um livro que conta a história de uma pequena faixa de terra, que teimosamente quis crescer, e hoje é conhecida como **Recife Antigo**, berço de lutas, revoltas, derrotas, orgulho...

* — Juliana Rocha é formada em Licenciatura Plena em História pela UFPE. É concluinte do curso de Bacharelado em História também da UFPE. É ainda aluna da Pós-Graduação desta Universidade, no V Curso Lato Sensu de Especialização em História de PE. Foi estagiária do Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da UFPE, onde trabalhou durante 6 anos (outubro de 1996 à fevereiro de 2003) como orientanda do Prof. Marcos Albuquerque.

1 BARLAEUS, Gaspar. História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil. Pág 185.

2 O local da Praça Tiradentes foi aterrado no início do século XIX.

3 Célebres ceramistas ingleses que atuavam em centros produtores como Stoke-upon-Trent, Chelsea, Bow, Worcester, Coalport, Liverpool, Burslen, Derby, Hamley, etc.